

'Precisamos readquirir credibilidade na economia'

Brasil

Secretário-executivo do Ministério da Fazenda admite que ajuste é amargo, mas acredita em crescimento da economia este ano

ENTREVISTA

Pedro Parente

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, começa o ano com todas as forças voltadas para o projeto do Governo de recuperar a confiança dos investidores estrangeiros no

Leandra Peres

O GLOBO: O que se pode esperar da economia este ano quando o próprio Governo prevê queda de 1% no Produto Interno Bruto?

PEDRO PARENTE: Em primeiro lugar, precisamos readquirir a confiança e a credibilidade na economia brasileira interna e externamente. Isso se fará fundamentalmente com a continuidade do processo de aprovação do programa de estabilidade fiscal pelo Congresso Nacional, sem nenhum atraso injustificável. Isso é um pré-requisito. Feito isso, teríamos um primeiro semestre mais difícil, mas com um claro processo de reaquecimento a partir do terceiro trimestre.

• O que garantirá esta melhora no segundo semestre?

PARENTE: Se você cria um círculo virtuoso, em que medidas internas positivas reforçam um quadro externo positivo que, por sua vez, volta e ajuda na aprovação das medidas dentro do país, isso permite a reconstrução da credibilidade. A partir desse fato, teremos plena condição de reduzir os juros mais rapidamente e é disso que depende a retomada do crescimento. Não será com as taxas de juros a esses níveis que nós conseguiremos isso.

• No pacote fiscal divulgado na última quarta-feira para compensar R\$ 6,7 bilhões que deixarão de ser arrecadados pela CPMF, o Governo só anunciou medidas

que permitirão arrecadar R\$ 5,4 bilhões. De onde virá o R\$ 1,3 bilhão que falta?

PARENTE: O mercado financeiro tinha estimativas para essa perda que variavam entre R\$ 3 bilhões e R\$ 7 bilhões. A nossa previsão foi, portanto, conservadora, pessimista e, por isso, a perda pode ser menor. Podemos ir calibrando com a execução financeira.

• Segundo analistas, com os juros elevados e os cortes de gastos, o Governo acabará inviabilizando o setor produtivo.

PARENTE: Nós fomos os primeiros a reconhecer que haverá uma queda da produção no país este ano. Não me lembro de nenhum outro Governo que tenha dito isso. É uma questão de custo benefício. Reconhecemos o custo das medidas. A dúvida é: na ausência dessas medidas, qual seria o custo? Nossa visão é de que, sem elas, o custo seria muito maior.

• Como a equipe econômica recebe as críticas dos que defendem maior crescimento?

PARENTE: Mesmo que você tenha alternativas de política econômica, nenhuma delas prescinde da estabilidade fiscal. É preciso ficar claro que este é um remédio e, como a maioria, tem um gosto amargo. Temos convicção de que, se tomado na dose certa, em tempo certo, sem atrasos, ajudará o paciente a se curar mais rapidamente.

• Esse cenário depende de uma

Brasil. Para isso, terá muito trabalho com o Congresso, onde será preciso obter a aprovação do ajuste fiscal sem atrasos injustificáveis, segundo ele. Parente afirma que o Orçamento de 99 será executado de forma a garantir a meta de superávit primário e compensar a perda de receita

com o atraso da CPMF que não foi coberta com as medidas anunciadas na última semana.

Desafiando as previsões dos economistas, Parente acredita em crescimento econômico este ano, apesar de reconhecer que o ajuste fiscal é um remédio amargo.

Ailton de Freitas/6-11-98



PEDRO PARENTE: "Reconhecemos o custo das medidas. A dúvida é: na ausência dessas medidas, qual seria o custo?"

melhora no ambiente internacional, que não está garantida. Se houver uma outra crise, será preciso um outro pacote fiscal?

PARENTE: Acho que não deveríamos considerar isso no momento. É fundamental fazermos nossa parte, que é cumprir o programa de estabilidade fiscal. Se cada país fizer sua parte, o risco de no-

vas turbulências será menor.

• A estagnação da economia japonesa é a maior preocupação no cenário externo?

PARENTE: A economia japonesa é, sem dúvida, uma fonte de apreensão, mas não é um fator novo. Está nessa condição há anos. Não quero minimizar o problema, mas

não podemos ficar aqui considerando que isso ou aquilo acontecerá. Ninguém pode garantir que não haja novas turbulências, mas é inegável que o cenário externo melhorou em relação a setembro. O que não dá para garantir é que a melhora seja permanente.

• A equipe econômica ganha for-

ca no segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso?

PARENTE: A discussão não pode ser colocada nesses termos. Acho que o presidente mostrou uma preocupação muito grande com a unidade em torno do Ministério da Fazenda, sem deixar de registrar que é possível haver divergências, mas que a última palavra será sempre dele. Quanto à questão do Ministério do Desenvolvimento, que foi entendida por alguns como um ponto de confronto com a política econômica, não concordamos com isso.

• O ministro Celso Lafer já afirmou que a política econômica é prioridade do Governo e que não vai questionar a condução do Ministério da Fazenda. Isso significa que a corrente monetarista do Governo venceu a ala desenvolvimentista?

PARENTE: Dizer que essa é uma política monetarista, neoliberal, não condiz com aquilo que nós achamos. Gostaríamos que as reformas fossem aprovadas o mais rapidamente possível, porque todos nós queremos reduzir os juros, aumentar emprego e renda. Mas para isso é preciso resolver o problema fiscal. Está havendo um cansaço muito grande dessa discussão, mas apesar disso, cabe a nós lembrar que o ajuste tem que ser feito para que o país possa garantir um crescimento sustentado. Todos nós queremos baixar os juros o mais rapidamente possível, mas isso tem que ser feito de forma responsável. ■